

EDUCAÇÃO CONTRA O TRABALHO INFANTOJUVENIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE MÉTODO E VULNERABILIDADES

Felipe Pitaro*

Ao começar a escrita deste artigo é importante considerar alguns pontos de partida. O primeiro diz respeito à forma como o mesmo é construído. Minha intenção é ilustrar de forma bem objetiva, e pouco acadêmica, como ações de educação, principalmente as desenvolvidas por projetos sociais, podem ser efetivas para a chamada proteção integral dos indivíduos, constando nesse grupo a proteção em relação ao trabalho precoce. O segundo ponto diz respeito às bases que o sustentam. Boa parte, senão a maioria das informações aqui descritas e discutidas, dizem respeito a minha experiência como coordenador de projetos da Fundação Gol de Letra na cidade do Rio de Janeiro. Isso não quer dizer que nossa forma de atuar seja a mais recomendável ou a mais correta diante dos problemas sociais do país, mas que esta é fruto de 13 anos de experiências em comunidades nesta cidade e na capital paulista, anos estes que nos oportunizaram grandes possibilidades de imersão no universo de carências, potências, particularidades e ciclos históricos das chamadas comunidades “populares” ou “carentes”. O terceiro e último ponto diz respeito ao caráter dessas ações que servirão de base ao artigo. A Fundação Gol de Letra optou pela modalidade de atendimento direto à população e não ao fomento/financiamento de programas e projetos. Essa opção nos restringe em termos de números e territórios atendidos, mas nos permite um nível maior de interação com as realidades locais para a construção de métodos e alternativas de partilha e integração com o poder público e a iniciativa privada para atendimento de demandas cotidianas pautadas nas realidades locais, e não somente em ideias construídas por indicadores ou planos macropolíticos de desenvolvimento local. Dito isso, as informações aqui discutidas com o leitor podem ser entendidas e interpretadas de acordo com a realidade da instituição, o que, acredito, o aproximará de uma ideia mais focada, porém, não menos ampla do problema.

* *Professor, formado em Educação Física (UFRJ) e especialista em educação psicomotora. (UNI-IBMR); coordenador de projetos da Fundação Gol de Letra-RJ.*

SEMINÁRIO TRABALHO INFANTIL

A Fundação Gol de Letra, como já dito acima, atua há 13 anos nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Seus programas e projetos oferecem atividades de contraturno escolar para crianças, adolescentes e jovens a partir dos 7 anos, nas áreas de educação física, língua portuguesa, informática, teatro, dança, música, artes plásticas, comunicação, formação profissional e política. Esses programas e projetos buscam trabalhar por meio da interdisciplinaridade, da pesquisa, da autonomia e do protagonismo dos participantes. Isso significa que eles participam ativamente do planejamento e da escolha dos processos, temas e atividades das quais participarão ao longo de cada ano, mas não é só nas crianças, adolescentes e jovens que o trabalho se concentra, as famílias dos participantes e os moradores das comunidades do entorno também são atendidos pela instituição. Os projetos nas comunidades e arredores são ações de serviço social que atuam na educação familiar e na articulação de parcerias locais para promover ações e mobilizações comunitárias capazes de fortalecer as lideranças e promover a participação popular na melhoria da qualidade de serviços e políticas locais. Atualmente, cerca de 1.300 pessoas com idades entre 7 e 30 anos são atendidas diretamente pela instituição, ou seja, estão matriculados nos programas e projetos para infância e juventude, além disso, suas famílias, que participam mensalmente dos encontros de formação com nossa área de serviço social e das comunidades atendidas pelos eventos de mobilização.

Diante deste breve resumo do que é a atuação da Fundação Gol de Letra, ou seja, o que é feito, cabe discutir o como é feito? Pois bem, educação não é um processo que se possa planejar sem os principais atores: os alunos e famílias. Normalmente as ideias sobre educação giram em torno de máximas, como: “é fundamental”, “sem ela não se vai a lugar nenhum”, “é a base do desenvolvimento social”. Todas são em parte verdadeiras, mas é preciso construir uma base mais sólida do que os ideais para que tais máximas se tornem verdadeiras. Em primeiro lugar, educação é um processo voluntário, e é preciso que o estudante compreenda o valor e os processos educacionais nos quais está envolvido para que nele invista e a ele permaneça vinculado pelo tempo necessário a sua assimilação, significação e utilização em sociedade. Sendo assim, práticas educativas pautadas apenas em processos hierárquicos, oficiais ou burocráticos, frente à multiplicidade de informações da modernidade, podem se enfraquecer, perder o sentido de presente e futuro e desviar os planos e aspirações de vida de crianças, adolescentes e jovens para o mercado, ou seja, para atividades práticas, com retorno breve e objetivo, como o trabalho. Esse fenômeno é ainda mais relevante diante de situações sociais extremas como as encontradas nas comunidades populares. O psicólogo russo Lev Vygotsky, em sua obra sobre o desenvolvimento da inteligência humana, disse que a imaginação é constru-

SEMINÁRIO TRABALHO INFANTIL

ída sobre as experiências reais, vividas. Se considerarmos alguns dos fatores sociais presentes em comunidades como as atendidas pela Fundação Gol de Letra, a saber: a necessidade de geração de mais recursos para sustento, o baixo índice de escolaridade adulta, as oportunidades informais surgidas do precário empreendedorismo local, o apelo ao consumo e à participação na economia, por exemplo, a educação passa a demandar muitos processos de discussão e participação familiar, desmistificação do senso de urgência e presentificação das demandas, formação de perspectivas de futuro, intensa massificação de práticas culturais diversificadas para ampliação das práticas cotidianas, enfim, práticas que somente o currículo, a estrutura e o orçamento da educação pública não atingem, sobretudo nesses locais.

Essa notória vulnerabilidade precisa ser incorporada ao processo educativo. Não basta que na atual situação os jovens, sobretudo os moradores de regiões oprimidas, aprendam português e matemática, é preciso que pensem nas razões de aprender, que seu aprendizado os permita participar, opinar, experimentar novas práticas, significar informações não incorporadas às suas famílias, famílias estas que precisam tanto quanto seus filhos participar, discutir e compreender tais processos para que estes tenham continuidade, sustento, não sofram pressões de momento e circunstância, para que o investimento seja coletivo, sólido e frutífero. Educar nessa perspectiva da transformação social e combate às vulnerabilidades é um processo que pode ser ilustrado por alguns passos:

– Conhecimento do território de atuação e suas vulnerabilidades – isso permite às organizações e profissionais casarem suas expectativas, metas e objetivos às demandas apresentadas pelos usuários e pela estrutura social vigente;

– Criação de uma estrutura adequada às demandas, metas, objetivos e expectativas – dessa forma, o processo pode ser conduzido de forma integral, sem adaptações circunstanciais advindas da falta de recursos ou da incompreensão sobre o cenário em que se atua. Esse item evita que as políticas sejam niveladas por metas macro, algo que é necessário, ainda mais quando se trata de ações públicas, mas sem perder de vista os ajustes necessários a cada região atendida.

– Contratação, formação e investimento permanente em profissionais capazes de lidar com os quadros sociais em questão – embora pareça óbvia a necessidade deste ponto, não estamos falando apenas em competências técnicas, mas na integração dessas com competências sociais, relacionais, adaptativas, interdisciplinares, dentre outras. Um dos temas mais recorrentes em educação na atualidade é o descontentamento dos professores com salários, benefícios e condições de trabalho. O investimento nos profissionais não é somente fi-

SEMINÁRIO TRABALHO INFANTIL

nanceiro, este sem dúvida é vital, mas um trabalho bem fundamentado, estruturado física e tecnicamente, posto em prática a partir de estudos, discussões e abordagem multidisciplinar, distribui as pressões e encaminha com maior facilidade os problemas;

– Criação de um projeto pedagógico e social integrado, articulado às redes socioassistenciais presentes em cada local – dessa forma se incluem os vários setores responsáveis pela proteção da infância e da juventude – governo, setor produtivo, sociedade civil – em discussões, atendimentos e solução de problemas considerando-se todas as esferas de vida dos indivíduos;

– Manter monitoramento permanente das ações para a correção de rumos, estabelecimento de metas e registro dos alcances – dessa forma, projetos de sucesso podem ser replicados com sucesso, tornando o trabalho social mais ágil e menos subordinado a particularidades corporativas ou políticas;

– Manter discussões, encontros e comunicação em nível nacional das ações, sejam elas de sucesso ou insucesso – dessa forma a circulação de informações, resultados e métodos se ampliam, permitindo uma avaliação mais detalhada das esferas públicas e privadas sobre as quais práticas podem ser investidas e até se tornarem políticas públicas, reforçando o laço democrático entre sociedade e governo.

Esses pontos citados acima são uma das muitas perspectivas possíveis de como construir um projeto educativo capaz de promover a proteção integral à infância e à juventude, com destaque neste artigo para a prevenção ao trabalho infantojuvenil.

O que a Fundação Gol de Letra promove em seus programas e projetos são formas de educar crianças, adolescentes, jovens e suas famílias para a autonomia de pensamento, crítica e escolha. Dessa autonomia, é possível derivar a autonomia de ações, ainda que não imediata, ainda que os indivíduos tenham que cumprir determinadas partes do ciclo de sobrevivência para então se emanciparem e criarem novas histórias de vida.

Na maioria das comunidades populares, há uma categoria que diferencia indivíduos honestos de criminosos, é a expressão “sou trabalhador!”. Ser trabalhador confere dignidade aos indivíduos, os marca positivamente, mas que não se generalize essa visão. A primeira vista, um projeto social é uma forma de desviar a atenção dos mais jovens moradores de comunidades sobre maus exemplos fornecidos pela criminalidade, sem tempo livre, sem conviver com os maus exemplos, crianças e jovens estão mais seguros. Pensar somente por esse prisma é de certa forma uma ingenuidade, chega a estereotipar os morado-

SEMINÁRIO TRABALHO INFANTIL

res desses locais, como se não houvesse alternativas. Dessa forma só existe o modelo do trabalho e o modelo do crime, um projeto faz com que o modelo do “trabalhador”, do honesto, prevaleça, mas não pensamos que seja esse o caso. Não conviver diretamente com os exemplos e marcas da criminalidade é antes de tudo um direito, o direito de se desenvolver de forma plena, de ter educação e lazer, de ser atendido em suas necessidades sociais. Mas projetos como os desenvolvidos pela Fundação Gol de Letra são ações de educação na mais plena definição, são meios de convívio pessoal e familiar, são meios de construção de novas experiências, de discussão sobre o próprio contexto comunitário, em suma, são oportunidades de direito à educação para além da escola, visando que essa visão de honestidade e dignidade, generalizadas na figura do “trabalhador” sejam ampliadas, pois até a possibilidade de se tornar um trabalhador pode ser negativa se esse trabalhador for desrespeitado, se começar antes do tempo, se exercer sua força de trabalho em condições precárias, se sua remuneração não for digna, se seus direitos não forem respeitados.

Educar, sobretudo os vulneráveis socialmente, é dar condições de pensar sobre a dialética social, é dar-lhes meios de se defenderem dos abusos, de se fortalecerem para resistir à exploração e à indignidade, pois não acredito em políticas de proteção social sem a postura do cidadão, sem que ele saiba se proteger, afinal, as leis e políticas precisam de legitimação, nas quais há excesso de carências, fatalmente há um jogo de forças muito particular que legitima o que lhe convém. Diante disso, é importante que fique claro que ações sociais sérias e dedicadas à educação integral e articuladas atuam na proteção subjetiva dos indivíduos, ou seja, buscando suas próprias forças para integrar a rede de proteção que, por exemplo, previne a exploração profissional de crianças e adolescentes.